

PNEUMATOLOGIA NA PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS SOB A ÓTICA DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

Me. Luciano Azambuja Betim¹

Resumo

As cartas paulinas são ricas em elementos pneumatológicos. Propõe-se neste artigo uma investigação sobre a Teologia do Espírito Santo na primeira carta aos Coríntios. O texto dialoga com a perspectiva de São João Crisóstomo. Quais são os elementos pneumatológicos segundo entendimento e interpretação de Crisóstomo? Por meio de pesquisa bibliográfica nesse importante pai da igreja, o Espírito Santo se mostra como revelador dos mistérios divinos, como agente santificador e finalmente como fonte dos carismas na igreja.

Palavras-chave: Carismas; Línguas; Iluminação; Profecia; Santificação.

ABSTRACT

The Pauline letters are rich in pneumatological elements. This article proposes an investigation into the Theology of the Holy Spirit in the First Corinthians letter. The text dialogues with the perspective of St. John Chrysostom. What are the pneumatological elements according to Chrysostom's understanding and interpretation? Through bibliographic research in this important father of the church, the Holy Spirit shows himself as the revealer of the divine mysteries, as a sanctifying agent and finally as the source of charisms in the church.

Keywords: Charisms; Languages; Lighting; Prophecy; Sanctification.

¹ Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR); Graduado em Teologia pela Faculdade Evangélica do Paraná (FEPAR); Pastor Presbiteriano (IPB), Email: lucianobetim@outlook.com

1. INTRODUÇÃO

O período posterior aos tempos apostólicos tem sido denominado historicamente de “patrística”. Grandes nomes surgiram na igreja dessa época, abrangendo aproximadamente seis séculos, no qual se produziu considerável conteúdo teológico e bíblico (BROMILEY, 2009, p. 81). Uma diversidade de escritos fora elaborada, alguns de cunho apologético, outros de assuntos teológicos, bem como comentários. Por meio desses textos é possível ter um vislumbre do pensamento teológico na igreja nascente.

Este artigo interage com os escritos de João Crisóstomo, um dos pais da igreja. Nascido em Antioquia da Síria, Crisóstomo foi ordenado diácono em 381 d.C., e presbítero em 386 d.C., destacando-se como grande expositor bíblico, vindo por essa razão receber alcunha de “boca de ouro” (GALLATIN, 2009, p. 371). Sua teologia repousa sobre seus sermões, não sendo nesse sentido sistemático, embora apontasse elementos exegéticos literais e gramaticais (Id., p. 372). Neste artigo, aparece sua pneumatologia sob a ótica da primeira e segunda carta a igreja de Corinto.

Das cartas do Novo Testamento, considerável parte é de autoria do Apóstolo Paulo. Entre elas destacam-se a sua primeira carta aos Coríntios. Nela, o Apóstolo trata de vários problemas presentes naquela comunidade, sem deixar de lado aspectos teológicos importantes. Uma das temáticas abordadas, se trata da pneumatologia, mais comumente denominada de Teologia do Espírito Santo.

Que a igreja de Corinto era um tanto quanto problemática, principalmente em assuntos como santificação e uso dos carismas, aparece bem claramente ao ler-se a epístola. Nesse sentido se impõe a pergunta: Quais são os aspectos da obra do Espírito Santo nessa carta? Como objetivo deste trabalho, portanto, pretende-se identificar os esses elementos pneumatológicos, bem como compreender a relação do Espírito Santo no processo de iluminação, santificação e concessão dos carismas.

Interações serão realizadas com argumentos de São João Crisóstomo, em seu comentário nas cartas a comunidade de Corinto.² Serão utilizados

² O livro faz parte da coleção “Patrística”. Traduzido e disponibilizado pela Editora Paulus.

como textos bíblicos padrão a Bíblia de Jerusalém (BJ) e a Nova Versão Internacional (NVI). Na primeira parte do trabalho, com o olhar voltado à obra do Espírito como aquele que ilumina; na segunda parte o Espírito, ao processo de santificação do cristão; na terceira parte será abordada a distribuição dos carismas, finalizando com um olhar específico sobre os dons de línguas e profecias.

2. O ESPÍRITO SANTO COMO AQUELE QUE ILUMINA OS MISTÉRIOS DIVINOS

O primeiro tema da pneumatologia paulina relaciona-se com a iluminação do Espírito, contrastando-a com a sabedoria terrena. Quando Paulo esteve entre os Coríntios, ele não apresentou o evangelho por meio de sabedoria pessoal, humana, fundamentada em seus conhecimentos filosóficos (1Co 2.1). Pelo contrário, ele dependeu completamente do poder do Espírito Santo: “[...] minha palavra e minha pregação nada tinham da persuasiva linguagem da sabedoria, mas eram uma demonstração de Espírito e poder” (1Co 2.4).

O sentido da declaração de Paulo, de acordo com Crisóstomo (2010, p.76), revela que o conteúdo da pregação do Apóstolo não dependia da sabedoria pagã ou dos sofismas humanos. Em seu entendimento, a razão com que simples pregadores se sobressaíam aos sábios naquele contexto estava em sua dependência da ação do Espírito Santo no anúncio do evangelho (Id., p. 77). Era uma dependência do poder e da ação do Espírito, iluminando a obra de evangelização.

É por meio da atuação do Espírito que ocorre a revelação do conhecimento de Deus (1Co 2.10). De fato, Crisóstomo (Id, p. 90) argumenta que fora da ação do dom do Espírito, ninguém entende os mistérios ou segredos do plano de Deus. Nem mesmo os profetas tiveram esse entendimento. O pai da igreja comenta mais detalhadamente:

Não pela sabedoria pagã, pois ela como serva desprezada, não foi permitido entrar e inspecionar os mistérios do Senhor [...] O fundamento de nossa honra não se acha no conhecimento, nem mesmo em aprender com os anjos, mas em aprender por intermédio do Espírito [...] Se o Espírito, que sonda as profundidades de Deus, não no-lo tivesse revelado, não saberíamos [...] Por essa razão

tivemos necessidade daquele mestre, que soubesse claramente (Id., p. 92).

Em sua exposição, Paulo prossegue argumentando sobre a importância da iluminação do Espírito (1Co 2.12-13). Os oradores pagãos podem até ter eloquência. O povo de Deus, por outro lado, goza do Espírito Santo (Ibid., p. 93). Ele faz ainda uma analogia: “Na verdade os olhos são belos e uteis, mas quem quiser enxergar dispensando a luz, de nada lhe vale a beleza, nem a própria força [...] assim sucede relativamente à alma, se quiser viver sem o Espírito Santo [...]” (Ibid., p. 95). Ou seja, é somente por meio da graça dispensada pelo Espírito, que a humanidade é capaz de entender a mensagem das boas novas.

3. O ESPÍRITO SANTO COMO AGENTE DA SANTIFICAÇÃO

O segundo tema da pneumatologia paulina está de alguma forma relacionado à vida do povo de Deus como um templo santo, remetendo-se à ideia de “separação ou dedicação”: “Não sabeis que sois um templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (1Co 3.16). Isso aponta para a importância da presença santificadora do Espírito: “Mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito de nosso Deus.” (1 Co 6.11). O cristão é, de certo modo, um “espaço sagrado” pela habitação do Espírito.

O contexto de 1 Coríntios 3.16 indica um caso de impureza no seio da comunidade. Crisóstomo (Ibid., p. 128) observa que, posto que Deus é Santo, seu povo deve se colocar diante de sua correção, tornando-se desse modo um templo santo. A ideia é de consagração, por isso se exige santidade. Isso aparece novamente no discurso de Paulo: “Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de si mesmos? (1Co 6.19).

Considerando a grandeza desse pensamento – habitação santa do Santo Espírito –, Crisóstomo (ibid., p. 240) argumenta ser o cristão agraciado com um supremo depósito, resultado da grandeza de quem é o depositante. A referência do pai da igreja recai sobre o povo de Deus, outrora impuro, agora liberto, passando pelo processo da justificação (Ibid., p. 222). Isso conduz,

naturalmente, para a necessidade de que aquele que foi alvo da habitação santa do Espírito, esteja atento como procede em sua conduta.

Cada cristão na comunidade do povo de Deus, deve refletir sobre essa obra divina. Diz Crisóstomo (Ibid., p. 222): “Ora, só libertar do pecado já constitui grande dom; agora, no entanto, tem encheu de inúmeros bens [...] isso foi feito em nome do Senhor [...] no Espírito de nosso Deus [...]. De modo que ao meditar sobre o trabalho de justificação e santificação, o fiel é conclamado pelo seu Senhor a se conduzir de modo temperante, focando na pureza de vida (CRISÓSTOMO, 2010, p. 222). Ou seja, o alvo do povo de Deus é caminhar em direção a santificação, tornando-se assim um templo e morada do Espírito.

4. O ESPÍRITO SANTO COMO FONTE DOS CARISMAS

Um terceiro aspecto da pneumatologia paulina, está relacionado a manifestação dos carismas concedidos pela ação do Espírito Santo. O Apóstolo utiliza praticamente três capítulos (1Co 12-14) para discorrer sobre a importância dos dons espirituais, dedicando um capítulo inteiro no intuito de corrigir o uso inapropriado da profecia e do falar em línguas.

Na lista de dons em 1 Coríntios, destacam-se:

Pelo Espírito, a um é dada a palavra de sabedoria; a outro, a palavra de conhecimento, pelo mesmo Espírito; a outro, fé, pelo mesmo Espírito; a outro, dons de cura, pelo único Espírito; a outro, poder para operar milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a outro, variedade de línguas; e ainda a outro, interpretação de línguas [...] Assim, na igreja, Deus estabeleceu primeiramente apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois os que realizam milagres, os que têm dom de curar, os que têm dom de prestar ajuda, os que têm dons de administração e os que falam em línguas (1Co 12.8-10, 28).

A classificação dos carismas é bastante extensa, abrangendo várias modalidades de operações do Espírito. No entendimento de Crisóstomo, um carisma ou um dom espiritual, não é resultado da ação humana, mas uma obra exclusiva da atividade do Espírito Santo (Id., p. 405). Conceder carismas é prerrogativa do Espírito Santo, sendo ele aquele que decide à quem vai doar esses presentes da graciosos (1Co 12.11).

A comunidade do povo de Deus é formada por todos aqueles que foram batizados. Crisóstomo (Id., p. 421) diz que “um só Espírito fez que sejamos um

só corpo, e nos regenerou; não foi este batizado num Espírito e aquele em outro [...] a finalidade de sermos batizados consiste em sermos um só corpo”. Diante disso, ele argumenta que esses carismas são presentes da graça de Deus, concedidos em maior ou menor grau para todos aqueles que foram batizados (Ibid., p. 410). Isso reflete o que havia dito o Apóstolo, que os dons são dados a cada um (1Co 12.7).

Diante do exposto acima, cabe a cada cristão contentar-se com seu carisma:

Não nos aflijamos, diz ele, nem nos contristemos dizendo: por que recebi esse dom a não aquele? Não peçamos prestação de contas ao Espírito Santo. Com efeitos, se saber que te foi concedido com solicitude, ao pensares que, ao cuidar de ti, deu-te essa medida, abraça-a e alegra-te com o que recebestes e não te aborreças porque não recebestes outros dons; ao contrário, dá graças porque não recebestes mais do que pode suportar (Ibid., p. 414).

Alguns carismas são comentados mais detalhadamente por Crisóstomo. O dom da palavra de sabedoria, por exemplo, era necessário para equipar aqueles que possuíam alguma ciência, mas não conseguem ensinar ou transmitir esses conhecimentos (Ibid., p. 411). O dom da fé também é mencionado, se tratando daquela confiança na ocorrência de milagres, não sendo nesse sentido a fé como um conjunto de dogmas centrais no cristianismo (Ibid., p. 411). De certo modo, essa fé ecoa as palavras de Jesus: “[...] se vocês tiverem fé do tamanho de um grão de mostarda, poderão dizer a este monte: Vá daqui para lá, e ele irá. Nada lhes será impossível (Mt 17.20).

Curas e milagres são outros dons que aparecem na lista. Para Crisóstomo, o dom da cura era algo positivo na restauração da saúde; já o carisma dos milagres poderia envolver castigo. Exemplos que são evidentes no ministério de Pedro e Paulo, o primeiro relacionado a morte, e o segundo a cegueira (Ibid., p. 411). O dom de discernimento de espíritos era uma ferramenta útil na identificação daquilo que era de fato espiritual e verdadeiro (Ibid., p. 411). No contexto da igreja nascente, esse carisma agia como um prumo balizador na identificação das verdades espirituais.

Outros três dons espirituais são listados: ajuda, ensino e administração. Na concepção de Crisóstomo (Ibid., p. 446) o carisma da ajuda ou assistência, envolve distribuição de bens. Por outro lado, o carisma do ensino está relacionado com uso da razão, da mente daquele que expõe (Ibid., p. 444). O

dom da administração ou liderança, repousa sobre o trabalho dos presbíteros, na instrução na Palavra (Ibid., p. 444). Embora apareçam na lista o dom do falar e línguas e a profecia, eles serão tratados no próximo capítulo.

5. CARISMAS ESPECÍFICOS: LÍNGUAS E PROFECIAS

Esses dois carismas, a profecia e o falar em línguas, bem como a interpretação, são explicados mais detalhadamente por Paulo no capítulo 14. Considerando que o mal-uso deles estava causando controvérsia na comunidade, o Apóstolo gasta mais tempo na explanação, especificando a natureza de sua atividade. Embora abusos tenham ocorridos, Ele se mostra positivo: “Sigam o caminho do amor e busquem com dedicação os dons espirituais, principalmente o dom de profecia” (1Co 14.1).

Paulo começa discorrendo sobre o carisma do profeta ou da profecia. Esse dom, de acordo de Crisóstomo (2010, p. 444), foi amplamente distribuído nos tempos apostólicos, sendo exercido por homens e mulheres, como as filhas de Filipe. Ele observa que o conteúdo da profecia não é algo que brota da mente humana, mas tem sua origem no Espírito Santo (Id., p. 444). Por meio da profecia a comunidade recebia “[...] edificação, encorajamento e consolação [...]” (1Co 14.3).

A prática da profecia deveria ser conduzida de modo ordeiro, conforme recomenda o Apóstolo: “Tratando-se de profetas, falem dois ou três, e os outros julguem cuidadosamente o que foi dito [...] Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas” (1Co 14.29, 32). Qual seria o sentido dessa exortação apostólica? Crisóstomo responde:

Não diz a respeito do profeta: se não há quem tenha discernimento, não profetize, mas comente quer dar certeza ao ouvinte. Fez essa declaração para advertir sobre a precaução acerca de vates e adivinhos. Já no início a recomendou, ao explanar a diferença entre adivinhação e profecia; e agora ordena o idêntico discernimento e consideração, a fim de que não irrompa algo diabólico (Id., p. 520-521).

Tendo explicado o sentido da profecia e seu uso correto, resta agora entender o que seria o “falar em línguas”. Muito se tem discutido sobre a natureza desse carisma. Trata-se de idiomas humanos ou uma espécie de língua dos anjos? Paulo fala hipoteticamente sobre essa possibilidade: “Ainda

que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine” (1Co 13.1).

A primeira das alternativas, ou seja, idiomas humanos, parece ser mais provável aqui.

Como no tempo em que foi construída a torre, a língua que era uma só se dividiu em muitas (Gn 11), assim agora que eram muitas, frequentemente se concentravam num só homem, que falava as línguas dos persas, dos romanos e dos indianos e muitas outras, ecoando nele o Espírito. E esse carisma era denominado dom das línguas, porque era possível falar conjuntamente várias línguas (Ibid., p. 496).

Embora o ‘falar em línguas’ seja um dialeto, este continua sendo ainda um carisma do Espírito. Crisóstomo (Ibid., p. 496) entende que tanto a profecia quanto as línguas têm sua origem na obra do Espírito e quem desses carismas se utiliza, o faz movido pelo Espírito Santo. Esse é o motivo da insistência do Apóstolo, ao escrever que “fala em língua a si mesmo se edifica” (1Co 14.4a), mesmo não compreendendo o que diz em sua oração.

O texto paulino parece assinalar que o falar em línguas seria uma espécie de oração: “Pois, se oro em língua, meu espírito ora, mas a minha mente fica infrutífera” (1Co 14.14). É exatamente esse o entendimento de Crisóstomo (Ibid., p. 500) ao observar na antiguidade “muitos que tinham o dom da oração juntamente com o das línguas [...]”. Por isso a necessidade de praticar a oração tanto no espírito quanto com a mente, ou seja, por meio do uso da razão.

Visando evitar confusão na assembleia reunida, o Apóstolo estabelece regras quanto a prática da oração em línguas (1 Co 14.27,28), as quais Crisóstomo vai chamar regras práticas do cristianismo (Ibid., p.518). O objetivo do Apóstolo ao impor regras não é de proibição final, mas sim de orientação no correto uso desses carismas. Mais no final do capítulo ele diz: “não proibam o falar em línguas [...] tudo deve ser feito com decência e ordem” (1 Co 14.39,40).

Nas palavras de Crisóstomo (Ibid., p. 519-520):

[...] quem possui um dom pequeno há de ultrapassar o que tiver um maior, se tiver presente essa meta. Os dons existem para a edificação de cada um. Se isso não acontecer, o dom será motivo de condenação para o receptor. De que adianta, diz-me, profetizar? Para que fim serve ressuscitar os mortos, se ninguém lucra com isso? Se tal é a finalidade dos dons, é possível realizar prodígios de outro

modo, independente deles, a fim de não te orgulhaves por causa do milagre, nem te julgares infeliz se não tiveres carismas.

Como observado anteriormente, o carisma das línguas está intimamente relacionado com a oração (1 Co 14.14). Entretanto, na ausência de quem interprete, que o orante faça uso das línguas no seu silêncio orante, na tranquilidade de sua mente (CRISÓSTOMO, 2010, p.520). Aqueles que foram agraciados com esse carisma precisam ter em mente que numa reunião pública de adoração, o objetivo não é a exibição dos dons, mas crescimento da comunidade (Id., p. 520). Seu propósito objetiva mostrar que tudo deve ser feito tendo em mente a edificação da comunidade (1 Co 14.26b).

6. CONCLUSÃO

A partir de considerações nas cartas de Paulo destinada ao povo de Deus na cidade de Corinto, abordou-se neste texto alguns elementos da Teologia do Espírito Santo. O trabalho interagiu com as homilias de São João Crisóstomo. Respirando ainda os ares do período da patrística, Crisóstomo expõe os principais problemas da comunidade de Corinto, abordando também aspectos teológicos importantes, entre eles a pneumatologia com ênfase nos carismas.

Como objetivo principal, propôs-se explorar os principais aspectos da Teologia do Espírito. Entre outros objetivos, também estava: entender a ação do Espírito no processo de iluminação dos segredos divinos na vida do cristão; a obra santificadora no crescimento santificante do povo de Deus; bem como carismas concedidos para a edificação da comunidade, tendo a temática das línguas e profecias como encerramento da reflexão.

A questão da continuidade ou não dos carismas miraculosos, continua sendo motivo de discussão. Essa discussão já ocorria nos tempos pós-apostólicos:

Essa passagem é muito obscura. O desconhecimento dos acontecimentos de então, e que agora não advêm, produz a obscuridade. E por que agora não sucedem? Eis, pois, que a causa da obscuridade gera outra interrogação para nós. Por que acontecia então e agora, não? (Id., p. 403).

Nem tudo é claro, simples e de fácil entendimento. Nos tempos da reforma, por meio do trabalho de João Calvino e Martinho Lutero, a temática do papel do Espírito entra novamente em cena. O reformador de Genebra lamenta a ausência de certos carismas, atribuindo o desaparecimento deles à falta de interesse e mau uso na igreja (CALVINO, 2015, p. 506). Isso evidencia o quanto a igreja perdeu com a carência dos dons, e como poderia ter sido ela, abençoada.

Embora tenha ocorrido uma certa diminuição, a obra do Espírito não cessou de todo. Ele continua auxiliando o povo de Deus – povo carente das forças carismáticas do Espírito em seu meio. Desde os tempos da patrística, ondas do Espírito tem ocorrido, passando pela reforma e movimentos de renovação do século vinte. É uma ação invisível, mas presente: “O vento sopra onde quer, você ouve o barulho que ele faz, mas não sabe de onde ele vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito” (Jo 3.8).

REFERÊNCIAS

BÍBLIA Sagrada. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA Sagrada. **Nova Versão Internacional (NVI)**. São Paulo: Editora Vida, 2007.

BROMILEY, Geoffrey W. **João Crisóstomo**. In: ELWELL, Walter A. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, volume 1**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CALVINO, João. **Serie Comentários Bíblicos: 1 Coríntios**. São José dos Campos, 2015.

CRISÓSTOMO, João. **Comentário as Cartas de Paulo: Homílias sobre a Primeira Carta aos Coríntios**. São Paulo: Paulus, 2010.

GALLATIN, Harlie Kay. **Pais da Igreja**. In: ELWELL, Walter A. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, volume 3**. São Paulo: Vida Nova, 2009